

Rumo a seguir

"Estou com medo da armadilha conservadora que se está montando novamente neste país", advertiu o líder do governo na Câmara, dando seu recado diretamente ao ministro da Fazenda. O deputado Roberto Freire conquistou o mandato eletivo nas asas do velho partido, o PCB. Tudo indica que tenha sabido imprimir às palavras transcritas a pressão devida a fim de extrair delas a reação que pretendia provocar. Depois de tomar posse no Ministério da Fazenda e de dar declarações sublinhadas pelo equilíbrio e pelo bom senso, o senador Fernando Henrique Cardoso, talvez acossado pelo parlamentar pernambucano e pela lembrança de alguns pronunciamentos do presidente da República, julgou oportuno alterar o rumo que se havia traçado e fez saber que chegou a hora de os bancos darem "sua cota de sacrifício". Acrescentou: "Os trabalhadores já fizeram, e muito. O governo está cortando. Agora, são os outros".

Sucede que o governo *ainda* não cortou. O ministro Fernando Henrique Cardoso exprimiu a intenção de cortar, ainda não especificou quanto e o que cortará, e já se defronta com a oposição de muitos que são capazes de o impedir de cortar; ou, pelo menos, de lhe dificultar a execução das boas intenções que nutre. Resta saber como se comportará,

diante de um eventual duelo entre Fernando Henrique Cardoso, de um lado; o deputado Roberto Freire, ministros e governadores, de outro; o árbitro do combate, o presidente Itamar Franco.

Não é demais repetir que os bancos privados não têm o condão de produzir inflação. Devem operar para evitar que ela lhes imponha perdas. Com os bancos estaduais é diferente, transformados não raro em torneiras por onde jorram recursos destinados a financiar a *política* dos governadores de muitas unidades da Federação. Abre-se o rombo de caixa que, depois, é tapado por intermédio de expedientes diversos, aptos a acelerar a escalada da desvalorização da moeda. Esses bancos estaduais são conhecidos, dentro do próprio Banco Central, como parte do sistema de "ralos da República".

O senador Fernando Henrique Cardoso tinha declarado no final de maio que definiria, com o ministro do Planejamento, os cortes no Orçamento da União. E, de fato, se permitisse que se gastasse o que está previsto na Lei de Meios, não se acabaria mais de imprimir papel-moeda para prover o Erário de recursos ultra-inflacionários. Agora, comunica: "Os ministros, com o Con-



gresso, é que vão definir onde cortar". Já não é a mesma coisa. Ou melhor, é coisa bem diferente. Não é só. Disse o sr. Fernando Henrique Cardoso que a inflação de "produtos concorrenciais" gira em torno dos 22% ao mês, enquanto a dos oligopólios e estatais chega a 30%. Rematou: "Precisamos ver isso também. Tem gente que está realmente ganhando dinheiro. E ganhando muito, à custa de quem está sofrendo, que é o povão". Pois lembre-se S. Sa. de que o povão sofre mais com a inflação dos produtos e serviços estatais; e é aí que ele tem de ser corajoso e cortar aumentos excessivos, como os das tarifas públicas, quase sempre reajustadas acima das taxas de desvalorização da moeda apuradas a cada 30 dias. Reajustadas, algumas vezes, para pagar aumentos de salários para a oligarquia. Se S. Exa. agir contra isso, o "povão" lhe ficará reconhecido.

A privatização será acelerada, segundo as palavras do titular da Fazenda. Tem-se pois que o governo "está cortando" no Orçamento; e a desestatização da economia, que se encontra pura e simplesmente paralisada, passará por um ritmo mais intenso. Ora, isso são intenções. Resta saber que tipo de apoio

o senador Fernando Henrique Cardoso terá, de cima, dos lados (de seus próprios colegas de Ministério) e do Congresso para converter essas boas intenções em benfeitoria realidade; e quanto forte será ele para arrostar resistências e antipatias, superá-las e seguir em frente, no caminho que se havia delineado ao assumir a pasta, composto por vetores cuja orientação lhe valera elogios gerais, quando se empossou.

Então, S. Exa. descartou a possibilidade de recorrer a "medidas mágicas" para reordenar a economia. Disso, realmente, o País está farto, depois de todos os planos heterodoxos que o lançaram na crise em que se encontra. O que mais animou nas primeiras afirmações do representante paulista, conduzido à Fazenda sob expectativa simpática, se continha na estratégia que se dispôs a adotar, ao expressar que conter aumento de preços é controlar gastos públicos. Eis a linha de que não se deve apartar, haja o que houver, porque se a mantiver tudo dará certo, porém se não conseguir preservá-la nada dará certo e só lhe restará ensarilhar as armas e abandonar a arena. O dever que lhe está assinado só comporta que siga uma direção. Qualquer outra, tortuosa, divergente, o fará resvalar para o fosso de malogros em que jazem os esforços inúteis de muitos de seus antecessores.